

Comércio demite 60 por dia

Dispensa de comerciários aumenta 100%. Doze mil já perderam o emprego este ano

Fábio Oliveira

O comércio do Distrito Federal demite, atualmente, 60 funcionários por dia, segundo estimativas da entidade que reúne os próprios empresários do setor, o Sindicato do Comércio Varejista (Sindivarejista). Isso representa um aumento de aproximadamente 100% nas demissões, já que em períodos considerados "normais", o número fica em torno de 30 diárias. Somente no primeiro semestre deste ano 12 mil comerciários já foram demitidos, conforme declarou ao **Jornal de Brasília** o presidente do Sindivarejista, Lázaro Marques.

Em janeiro deste ano, em entrevista ao JBr sobre as expectativas para o primeiro semestre de 92, Marques havia dito que eram esperadas aproximadamente 7 mil demissões. "Quando eu disse isso fui chamado até de louco. O que fiz foi uma visão otimista, mas evitei continuar falando para evitar problemas", comentou. Das 7 mil, cerca de 2 mil seriam comerciários temporários — aqueles contratados somente no final do ano, quando as vendas crescem. As outras 5 mil se dariam ao longo do semestre.

A expectativa de 2 mil demitidos se concretizou, com pouquíssimos empregados sendo aproveitados em definitivo encargos sociais e, sobretudo, a instabilidade política pela qual passa o País. Ele lembra que na indústria já tem empresário aumentando em até 50% seus preços em um mês. "As fábricas de lycra, por exemplo, trabalham com seus preços em dólar. Não há comerciante que consiga segurar os preços desta forma", lamentou.

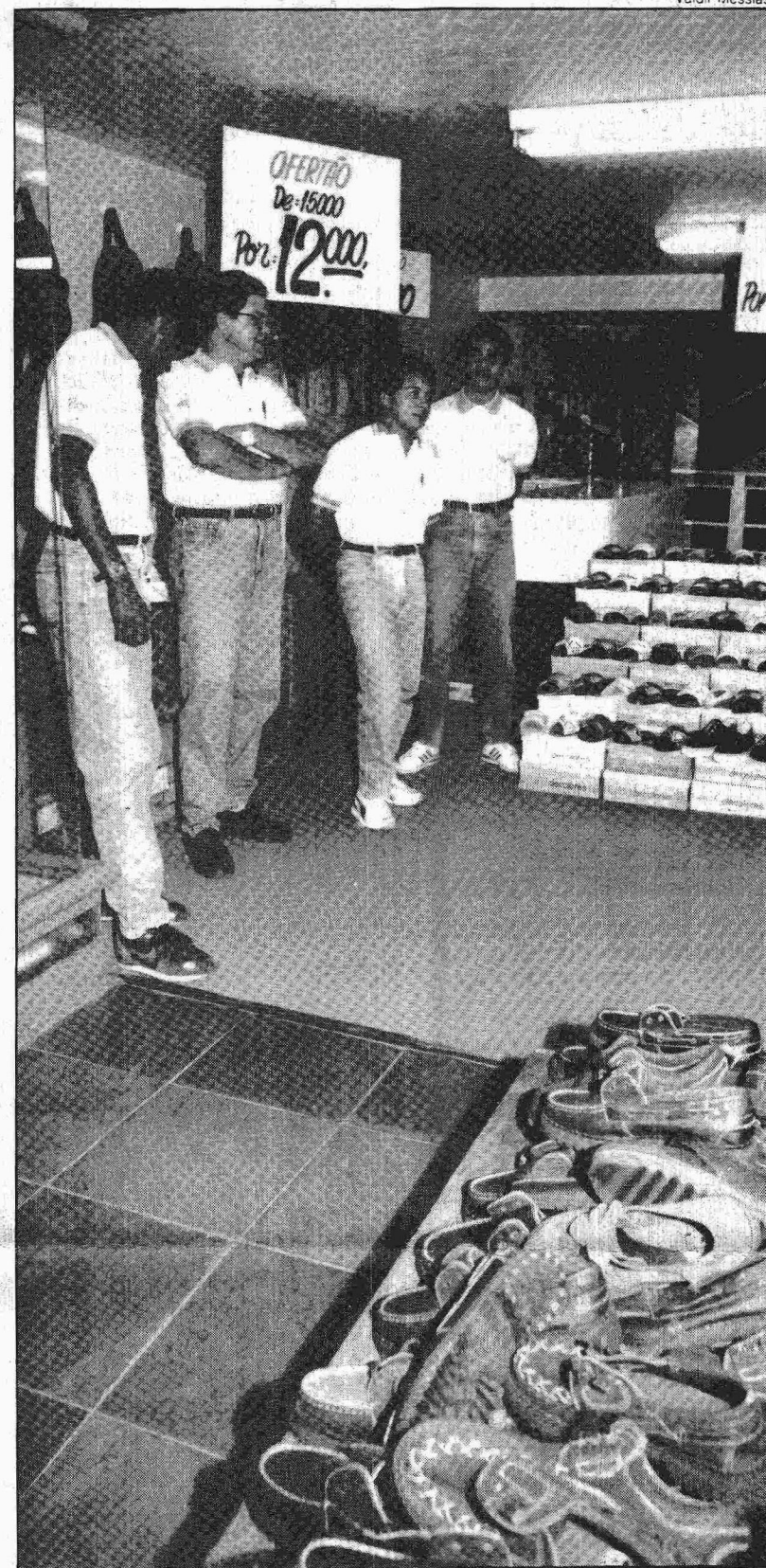
As altas taxas de juros também foram lembrados por Marques. "Se você fizer uma encomenda e pedir um prazo de pagamento de 30 dias os juros chegam a 40%", lembrou. Além disso, há o problema dos cartéis e oligopólios, de acordo com Lázaro Marques. Ele desconfia que por trás das pressões exercidas pelos cartéis pode haver até mesmo uma intenção de desestabilizar o governo, já que com um número pequeno de fornecedores a força para manipular os preços fica muito grande.

Expectativas

Como se não bastassem todos os problemas já destacados pelo presidente do Sindivarejista, ainda há as peculiaridades locais. Brasília é uma cidade que tem como grande mola para estimular a economia o mercado formado pelos funcionários públicos. Com a grande perda salarial registrada neste setor, o diferencial foi nos funcionários que já contavam algum tempo de casa. Na verdade, a estimativa do início do ano foi bastante otimista, já que ao invés de 5 mil demissões ocorreram 10 mil. Em contrapartida, segundo Lázaro Marques, o número de falências está diminuindo. "Se mais lojas continuarem fechando qualquer dia não haverá nenhuma aberta", ironizou. Ele acredita que quem tinha que quebrar já quebrou.

Cortes

O presidente do Sindivarejista afirmou que a política de cortes dentro das empresas de comércio



Sindivarejista prevê que comércio fique mais fraco em julho

está cada dia mais intensa. Ele citou como exemplo um empresário que tenha uma datilógrafa e uma secretária. "Se ele pagar Cr\$ 500 mil para cada uma, prefere demitir uma das duas e passar o salário da que ficou para Cr\$ 700 mil". É duas vezes melhor: primeiro porque diminui a despesa com salário e segundo porque também corta as despesas com contribuições sociais.

Mas há uma explicação, de acordo com Marques, para um desempenho tão sofrível do comércio em 92: a combinação dos fatores que provocam a recessão econômica atual. Entre eles a queda do poder aquisitivo, os altos preços dos aluguéis, o comércio vem acumu-

lando dificuldades. "Hoje o servidor público já não é mais o grande comprador", lamentou.

Para julho a expectativa não é das melhores. A cidade costuma ficar vazia neste período, quando o comércio acaba-se retraindo mais ainda. "Com o não pagamento do 13º a situação pode ficar difícil. Pode até haver mais demissões", afirmou Marques. Ele lembrou que antes muitos viajavam e quem ficava até tinha dinheiro para gastar. "Hoje quem ficar é porque está duro mesmo". Mesmo assim, ele acredita que se o Governo Federal contornar a crise política, a luz no final do túnel — que não é a do trem no sentido contrário — pode surgir.